

FILOLOGIA E LINGUÍSTICA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Munniky Müller (UERJ)
munniky@ig.com.br

Partindo de observações provocadas pela leitura do livro *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo, o presente trabalho pretende levantar a questão sobre o problema de terminologia e a imprecisa delimitação de campos de atuação entre a Filologia e a Linguística.

A Filologia é uma ciência muito antiga e desde seus primórdios foi utilizada para nomear atividades e indagações que tinham a finalidade de preservar e fixar os textos. Além disso, para designar os homens eruditos que se debruçavam nas ciências da linguagem – os chamados filólogos: amigos da palavra.

No Dicionário Houaiss (2001, p. verbete *filologia*) encontramos variados conceitos de Filologia. Registram-se quatro acepções:

1. o estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos
2. o estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos
3. o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de família de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p. ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica
4. o estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), esp. para a edição de textos

A polissemia do termo Filologia não é fenômeno moderno, desde a Grécia antiga, período em que o termo teria surgido, já apresentava sentidos diversos.

Já em fins do século XVIII, o termo Filologia assumiria academicamente um significado mais restrito: o estudioso alemão Friedrich August Wolf, em 1777, teria definido Filologia como o “estudo do que é necessário à correta interpretação de um texto literário”.

Até algum tempo poder-se-ia conceituar Filologia Românica (pelo menos no mundo de Língua Portuguesa) como o estudo científico de uma língua ou família de línguas atestadas por documentos. Hoje estes estudos cabem à Linguística Aplicada, embora nos últimos tempos a perspectiva histórica não ter merecido a atenção dos linguistas que vêm trabalhando com a língua atual – a chamada língua de uso. Vejamos o que Melo (1984, p. 7) aponta:

A Linguística é o estudo da linguagem articulada ou a aplicação de seu método e de suas conclusões a uma língua particular, a um dialeto ou a uma família de línguas, enquanto a Filologia se preocupa com a fixação do texto fidedigno, sua explicação e com comentários de variadas naturezas que lhe atribuirão o sentido exato.

Segundo Melo (1984, p. 8),

A Filologia é uma ciência aplicada, a sua finalidade específica é fixar, interpretar e comentar os textos. Ao passo que a Linguística (ou Glotologia) é uma ciência especulativa. O seu objeto formal é a língua em si mesma, a língua como fato social da linguagem.

Melo (1984, p. 10) divide ainda a Filologia em Clássica e Moderna, sendo a Filologia Clássica uma ciência de vasta erudição, ao passo que a Moderna se apoia principalmente na Linguística Aplicada, sincrônica ou diacrônica.

Em meados do séc. XX, é possível verificar a Filologia como o estudo da língua, ficando a interpretação de textos como parte acessória. Leite de Vasconcelos (1959, p. 11) atesta-nos este fato: "A Filologia é o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo de no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobre tudo como documento formal da mesma língua".

Essa acepção perduraria por muito tempo. Tanto que anos mais tarde encontramos semelhante definição de Filologia por Serafim da Silva Neto (1977, p. 20):

A Filologia é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética,

morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional.

Daí chegarmos ao impasse: adotando-se este tipo de conceituação, teremos os encontros da Filologia com a Linguística, ou seja, tanto uma quanto a outra designariam uma série de estudos relacionados à língua, à literatura e à crítica textual. No entanto, não há consenso sobre este assunto. Vejamos a assertiva de Melo (1985, p. 4):

A verdade é que esta matéria está em ebulição: cruzam-se e às vezes se chocam os conceitos, enquanto a nomenclatura é imprecisa e não raro polivalente. A Linguística está em crise, interna e epistemológica, ao passo que a Filologia, definido melhor seu estrito campo, se firma cada vez mais na técnica de crítica textual e na explicação de textos.

Destarte, os caminhos da Filologia e da Linguística ora se encontram, ora se distanciam, a despeito de intrinsecamente relacionadas.

Também encontramos a ambivalência de terminologia entre a Crítica Textual e a Ecdótica. Em Língua Portuguesa, a Crítica Textual costuma tratar da restituição da forma genuína do texto e de seu estabelecimento. Já a Ecdótica trabalha com as atividades finais de fixação do texto, ou seja, sua apresentação e sua publicação. Sendo assim, a Ecdótica abarcaria todos os procedimentos técnicos para a apresentação do texto ao público.

A Crítica Textual é assim definida por Azevedo Filho (2008):

A Crítica Textual é a atividade filológica de um grupo mais amplo de atividade definido como Ecdótica. A Ecdótica, então trata de todo o processo de preparação e realização da edição de um texto (inclusive por meio de processos mecânicos, que incluem também a preparação desse material para a publicação).

Segundo Azevedo Filho (2008), a Crítica Textual ou a Crítica Verbal é disciplina integrante da Ecdótica, sendo esta última referente à técnica de editar um texto.

Percebemos, portanto, uma relação de inclusão de modo a culminar no processo de edição de textos. No entanto, o mesmo não ocorre com a Filologia, para a qual circulam definições muito distintas.

Tanto em Lachmann quanto em Bédier – teóricos fundadores da Crítica Textual moderna – a Filologia é: "A ciência que se volta a fundo para a análise e compreensão de textos, recorrendo a critérios

que melhor possam aproximar um texto à última vontade consciente do autor".

Contemporaneamente, há uma tendência a se associar o termo Filologia ao estudo do texto, reservando-se o termo Linguística para identificar o estudo científico da linguagem humana.

Segundo Martins (2008), no meio universitário brasileiro a Filologia vem sendo utilizada como sinônima de Crítica Textual por vários filólogos, inclusive pelo Professor Emérito da UFF - Maximiano de Carvalho e Silva- figura imprescindível para o processo de divisão da Filologia em duas: Linguística Especial Portuguesa e Estudos de Crítica Textual. Há algum tempo a Crítica Textual é disciplina obrigatória na graduação em Letras na referida instituição. Informa-nos ainda o professor: "É preferível designar de Crítica Textual o conjunto de operações que preparam um texto para publicação ou mesmo aproxima da última vontade manifestada por seu autor ou autora".

Mesmo com todo o esforço de emancipação. O uso da Filologia como Crítica textual vem gerando controvérsias ainda por causa do problema da polissemia; das diversas acepções que a Filologia pode ter.

Conta-nos ainda Martins (2005) que na UFRJ a Filologia como Crítica Textual vem ganhando espaço graças a eventos como o Encontro Internacional de Filologia com temas que abordam o trabalho filológico de construção de edições críticas e crítico-genéticas, crítica literária etc. No entanto, a disciplina oferecida pelo departamento de Filologia e Linguística ainda se chama Filologia Românica; remetendo a estudos diacrônicos e comparados aliados a esparsos conceitos em Crítica Textual.

Diante do exposto, ficamos entre duas principais acepções de Filologia: a Filologia Românica entendida como o estudo comparado e histórico das línguas neolatinas – neste sentido a Filologia Românica é sinônima de Linguística Românica. Seus caminhos aqui se encontram...

Outro sentido, *stricto sensu*, seria a Filologia como o apuramento, a interpretação e a edição de textos. Adotando-se este sentido, resolver-se-ia de certa forma o problema de delimitação entre a

Filologia e a Linguística. No entanto, muitos especialistas não aceitam esta delimitação.

Destarte, da Antiguidade até os dias hodiernos, os conceitos de Filologia vêm gerando desencontros entre os teóricos da área. Ora em sentido restrito, como a crítica do texto, ora em sentido mais amplo, como a ciência que abarca um complexo de disciplinas ligadas a estudos de língua e literatura, incluindo-se nesse rol a Linguística, a Teoria da Literatura e a própria Crítica Textual.

Quanto à Ecdótica, há uma corrente que a faz sinônima da Crítica Textual. Há outra que relaciona a Ecdótica somente à fase final da fixação do texto – a apresentação e a publicação. E ainda há outro movimento teórico que defende a Ecdótica como a ciência geral dos textos da qual a Crítica Textual seria uma de suas partes integrantes.

Para concluir, destacamos o parecer de Saussure (1969, p. 7-8) sobre o assunto:

A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-la, sobretudo, para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura.

CONCLUSÃO

Não pretendíamos neste artigo esgotar o assunto ou refutar teorias. Somente intencionávamos mostrar que o problema das variadas terminologias gera imprecisões. Os caminhos da Filologia ora se encontram, ora se distanciam. A questão central é: no meio deste turbilhão de conceituações, o estudante do curso de Letras sabe que direção tomar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; [São Paulo]: EDUSP, 1987.

_____. *Base teórica de crítica textual*. 2. ed. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

_____. Sobre o Conceito de Crítica Textual. In: I SEMANA NACIONAL DE CRÍTICA TEXTUAL E EDIÇÃO DE TEXTOS. Organizada pelo Grupo de Pesquisas “Crítica Textual e Edição de Textos” e pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Realizado no Departamento de Letras da FFP/UERJ. São Gonçalo (RJ), 12 a 16 de fevereiro de 2007. *Anais da...*, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/snctet/anais/11.htm>>

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOUAISS, Antonio et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (versão 1.0)

MARTINS, Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues. Filologia, Filologia Românica e Crítica Textual. 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/scripta_philologica/01/Filologia,_Filologia_Rom%C3%A2nica_e_Cr%C3%ADtica_Textual.pdf>

_____; JERONIMO, Maria Cristina Antonio. A Filologia, entendida como Crítica Textual e as acepções que norteiam o conceito de autoria. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística Portuguesa*. 5. ed. Melhorada e atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, José Pereira da. Crítica textual e edição de textos. *Livro da VII SENEFIL: VII Semana Nacional de Estudos Filológicos e Lin-*

guísticos (12 a 16 de janeiro de 2004). Em homenagem a Jairo Dias de Carvalho (Suplemento da Revista Philologus). [Rio de Janeiro]: CiFEFiL, 2004. p. 36-53.

———. A situação oficial brasileira do filólogo e do professor de Filologia no Ministério do Trabalho e Emprego. *Soletas: Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ*. Rio de Janeiro: UERJ, jul./dez. 2002b, Ano II, Nº 04, p. 28-36.

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.

VASCONCELOS, Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livros de Portugal, 1959.